

Rodolfo Miguel Robalo Ferreira

**Psicopatia e atitudes sexuais em mulheres sexualmente
agressivas**

Orientadora: Professora Doutora Joana Patrícia Pereira de Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2017

Rodolfo Miguel Robalo Ferreira

**Psicopatia e atitudes sexuais em mulheres sexualmente
agressivas**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Meste em Psicologia Forense conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 22 de Maio, com o Despacho de Nomeação de Júri nº.369/2017, mediante a seguinte composição do júri:

Presidente: Professora Doutora Eunice Magalhães

Arguente: Professor Doutor Carlos Poiares

Orientador: Professora Doutora Joana Carvalho

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2017

Agradecimentos

Pode parecer estranho para muitos mas, se não o fizesse desta forma, não estaria a ser eu mesmo. Deste modo, os meus agradecimentos, vão dirigidos àqueles que ao longo dos anos (mais “lá ao longe”, ou mais recentes) me ajudaram a chegar até aqui e sempre estiveram ao meu lado, independentemente do meu mau humor e mau feitio.

A todos, um muito obrigado.

Resumo

A vulnerabilidade à agressão sexual é sentida por todos, sendo esta uma temática que preocupa a maioria das sociedades. A crescente propagação destas práticas para o meio universitário é preocupante, pois considera-se que este é um local com vários grupos de risco.

Apesar de pouco investigado, as mulheres sexualmente agressivas estão presentes em todos os contextos da violência sexual. Devem ser percebidas as ações destas agressoras como, também, deve ser conhecido com mais especificidade o sofrimento do sexo masculino enquanto vítima destes atos.

O presente estudo pretende caracterizar uma amostra de estudantes universitárias com relatos de comportamentos sexuais agressivos, tentando perceber as crenças existentes nesta população, tal como os seus níveis de homossexualidade e perceber se existem índices de psicopatia. Este questionário, composto pelo Inventário de Orientação Sociossexual (SOI), pela Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS), pela Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS) e por um questionário sociodemográfico, foi preenchido por 248 alunas universitárias heterossexuais. Foram encontrados resultados que indicavam que 60 (24,2%) das estudantes demonstravam comportamentos sexuais agressivos e 188 (75,8%) não apresentavam este tipo de comportamentos. Comparando grupo agressoras x não agressoras, verificaram-se diferenças significativas na escala da homossexualidade e nos traços de psicopatia Grandioso/Manipulativo e Impulsivo/Irresponsável.

Palavras-Chave: Agressão Sexual; Mulheres Sexualmente Agressivas; Estudantes universitárias; Índices de Psicopatia; Sociossexualidade; Crenças

Abstract

The vulnerability to the sexual aggression is felt by everyone, being this a theme that concerns the majority of societies. The increasing propagation of these practices in the university environment is concerning, as it is considered a place with various groups of risk.

Although not much investigated, sexually aggressive women are present in all the sexual violence contexts. These aggressor's actions should be understood, as well as it should be known, with more specificity, the male suffering as victim of these acts.

The present study intends to characterize a sample of these female university students with accounts of sexually aggressive behaviour, trying to perceive the existent beliefs in this population, such as their sociosexuality levels and understand if psychopathy manifestation exists. This survey, composed by the Sociosexuality Orientation Inventory (SOI), by the Sexually Aggressive Behavior Scale (SABS), by the *Escala de Crenças sobre a Violência Sexual* (ECVS) and by a sociodemographic survey, was filled by 248 heterosexual female university students. Results were found that indicated that 60 (24,2%) of the students demonstrated sexually aggressive behaviour and 188 (75,8%) didn't show this kind of behaviours. Comparing aggressors x non aggressors, significant differences in the sociosexuality scale and in the *Grandioso/Manipulativo* and *Impulsivo/Irresponsável* were verified.

Keywords: Sexual aggression; Sexual aggressive females; Female university student samples; Psychopathy manifestations; Sociosexuality; Beliefs

Índice Geral

Índice

Capítulo I.....	8
1. Introdução.....	9
1.1. Agressão e Coerção Sexual.....	9
1.2. Sexo feminino enquanto agressor sexual.....	10
1.3. Crenças.....	11
1.4. Sociossexualidade.....	12
1.5. Psicopatia.....	13
1.6. Objetivo do Estudo.....	14
Capítulo II.....	15
2. Metodologia.....	16
2.1. Participantes.....	16
2.2. Procedimentos.....	20
2.3.1. Questionário Sociodemográfico.....	20
2.3.2. Inventário de Orientação Sociossexual (SOI).....	21
2.3.3. Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS).....	21
2.3.4. Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS).....	21
2.3.5. Youth Psychopathic Traits Inventory–Short (YPI-S).....	21
Capítulo III.....	22
3. Resultados.....	23
3.1. Sociossexualidade (SOI).....	23
3.2. Traços da Psicopatia.....	23
3.3. Crenças e mitos.....	23
Capítulo IV.....	27
4. Discussão.....	28
4.1 Limites do Estudo.....	30

Capítulo I

1. Introdução

1.1. Agressão e Coerção Sexual

1.2. Sexo feminino enquanto agressor sexual

1.3. Crenças

1.4. Sociossexualidade

1.5. Psicopatia

1.6. Objetivo do Estudo

1. Introdução

A violência sexual é um fenómeno presente em todo o mundo e em diversos contextos (Banyard, Planté & Moynihon, 2004) que abrange diversas idades e ambos os sexos (Kaplan & Green, 1995). Embora seja um tema recorrente em muitas investigações e estudos, este é, maioritariamente, investigado colocando o sexo masculino enquanto agressor (Grayston & De Luca, 1999).

No entanto, sabe-se que também as mulheres recorrem a este tipo de violência (Nathan & Ward, 2001) e evidência científica mostra que homens que tenham sofrido algum tipo de vitimização na sua infância e/ou abusem de bebidas alcoólicas, são alvos fáceis de agressão sexual (Ottens & Black, 2000). Segundo Whealin (2002) os homens estudantes universitários encontram-se num dos grupos de risco. Esta informação encontra-se presente nos resultados obtidos em 1991 por Struckman-Johnson, onde este afirma que entre 12% a 16% dos estudantes universitários teriam sido pressionados a ter relações sexuais com mulheres.

1.1. Agressão e Coerção Sexual

O conceito de Agressão Sexual, contextualizado cientificamente, é caracterizado como uma das formas mais brutais de violência, sendo reconhecido como um problema de saúde e segurança pública (Krebs et al., 2007). Estes atos não são desejados pelas vítimas (Zinzow & Thompson, 2014) e estas poderão sofrer impactos físicos e psicológicos, tanto a curto como longo prazo (Krebs et al., 2007). Existem autores que afirmam que a motivação para a agressão sexual está relacionada com um mau relacionamento com os pais (Cohen, Garofalo, Boucher & Seghorn, 1971), especialmente com a figura materna quando esta é extremamente autoritária ou demasiado ausente (Cohen, Garofalo, Boucher & Seghorn, 1971).

Contudo, investigadores afirmam que a agressão sexual pode ser o resultado de tentativas de coerção sexual, sendo este um conceito que remete para a pressão exercida por um indivíduo noutro, como meio de obtenção de algum tipo de gratificação sexual (Waldner, Vaden-Goad, & Sikka, 1999), através da ameaça (chantagem) e da força (tentar tocar; agarrar) (Griffin & Read, 2012).

1.2. Sexo feminino enquanto agressor sexual

A prática de comportamentos sexualmente agressivos de mulheres contra homens é um tema que tem sido discutido, debatido e estudado ao longo dos anos. No entanto, realizar uma caracterização das mulheres sexualmente agressoras não é uma tarefa fácil, devendo-se ao facto de existirem poucos estudos publicados sobre este tema (Kaplan & Green, 1995). Deste modo, é notória a grande discrepância entre estudos publicados sobre mulheres sexualmente agressoras e estudos sobre o género masculino como sexualmente agressor (Kaplan & Green, 1995), sendo que os investigadores centram-se quase exclusivamente no sexo masculino, minimizando a importância da situação oposta (Frieze, 2000). O reduzido número de mulheres condenadas por crimes sexuais é, também, uma das explicações encontradas para a falta de estudos científicos nesta área, minimizando a hipótese de se terem amostras para investigação (Bunting, 2006). Contudo, a necessidade de obter mais conhecimento sobre esta população enquanto sexualmente agressora levou, em 1990, Travin et al. a realizar uma revisão da literatura. Concluíram que as observações realizadas focavam-se maioritariamente nos comportamentos agressivos, tipo de vítimas e na frequência das agressões.

Como resultado da população masculina agressora ser a mais investigada, é natural que se façam inúmeras comparações entre homens agressores e mulheres agressoras, contribuindo para melhor especificar determinadas ações do sexo feminino agressor. Assim sendo, é de conhecimento científico que as mulheres agressoras têm necessidades diferentes e atuam em situações diferentes em comparação com os homens (Nathan & Ward, 2001). Para além disso, sabe-se que os homens sexualmente agressores tendem a ser uma identidade estranha/desconhecida para as vítimas mas, em contrapartida, as mulheres sexualmente agressoras encontram-se, maioritariamente, em posições de cuidadoras (e.g. Professoras) perante as vítimas (Banning, 1989). Estas mulheres agressoras

estão, também, mais predispostas a atuar com outro(a) agressor(a) e são sexualmente invasivas enquanto que os homens preferem atuar sozinhos e utilizam, preferencialmente, subornos para aliciar as vítimas (Kaufman, Wallace, Johnson, & Reeder, 1995). Os sentimentos de culpa também diferem entre homens e mulheres agressoras, sendo que as últimas possuem maiores sentimentos desta natureza (Ford, 2006).

Os resultados de um estudo de 1993, realizado por Anderson e Aymami, com o objetivo de descobrir as estratégias utilizadas pelas mulheres sexualmente agressoras, demonstrou que 79.2% das mulheres afirmaram que tinham tentado excitar o seu parceiro, 24.5% responderam que diziam coisas aos parceiros que não pretendiam dizer, 11.3% respondeu que pressionava o seu parceiro através de argumentos e 52.4% das mulheres afirmaram ter começado o ato sexual estando o seu parceiro alcoolizado ou sob o efeito de drogas.

Mais recentemente, um estudo realizado em 2016 por Carvalho e Nobre, tenta mostrar quais as características psicosexuais das mulheres contra os homens, tendo obtido resultados em que 35.8% das mulheres reportavam algum tipo de agressão para com os homens e, entre elas, 46.2% afirmavam tratar-se de coerção sexual, 34.1% afirmava ter sido abuso sexual e 19.8% das mulheres afirmavam ter utilizado a violência física.

É importante salientar que o sexo feminino enquanto agressor é capaz de praticar os dois tipos de violência. A nível físico, através de murros ou espancamento, e a nível psicológico, muito marcado por comportamentos de controlo dos seus parceiros (e.g. mexer no telemóvel) (Hines & Douglas, 2010).

1.3. Crenças

Muitas vezes as crenças e estereótipos condicionam a visão que o mundo apresenta sobre determinado assunto e, a violência sexual feminina contra homens, não deixa de ser um tema onde são encontradas inúmeras crenças associadas à temática (Sigal & Jacobsen, 1999).

Toda esta conceptualização estereotipada cresce a partir das já há muito tempo existentes, crenças sobre os dois sexos. A mulher é vista como submissa, passiva e fraca mas, em contrapartida, o homem é descrito como o sexo mais activo em temas sexuais (Sigal & Jacobsen, 1999). Também

as vítimas de agressão sexual são regularmente percecionadas como fisicamente mais fracas, persistindo a crença de que as mulheres são o alvo desta agressão por, supostamente, serem fisicamente frágeis (Busby & Compton, 1993). Contudo, tal como acima já mencionado, sabe-se agora que as mulheres são capazes de praticar violência física (Hines & Douglas, 2010) e é também do conhecimento científico que o número de agressões de mulheres para com homens encontra-se sensivelmente ao mesmo nível da agressão praticada por homens contra mulheres (Laroche, 2005).

Quando um homem é uma vítima sexual, uma das explicações muitas vezes encontrada é a da comparação entre homens, onde um tem de ser mais forte que o outro (Busby & Compton, 1993). Esta interpretação menciona apenas a violência física, no entanto, a coerção para o ato sexual contra vontade pode ser realizada através de outros métodos. Num estudo de Fiebert e Tucci (1998) é demonstrado que os homens apresentam mais queixas de violência verbal. Também Struckman-Johnson (1998) demonstrou num dos seus estudos que 52% dos homens dizem ter experienciado coerção na forma de pressão psicológica.

Outro tema considerado por alguma parte da sociedade não científica como mito, remete para o facto de uma mulher não poder abusar sexualmente um homem. É uma crença comum que um homem não poderá ser abusado contra a sua vontade pois não poderia existir ereção do pénis, no entanto, a ciência explica que esta resposta fisiológica pode acontecer em vários estádios emocionais, como a raiva e o terror (Sarrel & Msaters, 1982).

Também os homens, enquanto vítimas, são vistos através de estereótipos por grande parte da sociedade não científica, sendo considerados como fracos ou cobardes, resultando na desistência por parte destas vítimas de formalizarem uma queixa, pois têm vergonha do acontecimento (Smith et al. 1988).

1.4. Sociossexualidade

A Sociossexualidade (termo criado por Alfred Kinsey) remete para as diferentes estratégias de relacionamento entre indivíduos e na predisposição destes no envolvimento de relações sexuais com diversos parceiros sem ligações emocionais (Simpson & Gangestad, 1991). A escala *Social Orientation Inventory (SOI)* (em português denominada de Inventário de Orientação Sociossexual)

surgiu da necessidade destas medidas poderem ser avaliadas, sendo então desenvolvida esta escala pelos autores Simpson e Gangestad em 1991.

Através dos resultados obtidos nesta escala, é possível observar se o indivíduo está predisposto a ter relações sexuais com vários parceiros com os quais não possua qualquer ligação emocional ou se, caso os valores obtidos sejam baixos, o indivíduo apresenta uma homossexualidade restrita e está pronto a assumir relações monogâmicas (Simpson & Gangestad, 1991). É também possível obter informações sobre as fantasias sexuais dos indivíduos, os seus comportamentos de relacionamento e de obtenção de parceiros, frequência de sexo extraconjugal e o parecer sobre relações sexuais casuais (Simpson & Gangestad, 1991). Acentuando esta teoria, os resultados encontrados no estudo de Carvalho e Nobre (2016), revelam que as mulheres agressoras apresentam maiores níveis de homossexualidade.

1.5. Psicopatia

A psicopatia é designada como um estado mental patológico, caracterizado por desvios que têm como consequência o desencadeamento de comportamentos antissociais (APA, 2002; Kaplan, Sadock & Grebb, 2003). A maioria dos investigadores concorda que estes desvios iniciam o seu desenvolvimento desde a infância, sendo observável em alguns casos, comportamentos agressivos (também denominados de transtornos de conduta) em crianças e/ou adolescentes (APA, 2002; Kaplan; Sadock; Grebb, 2003). A psicopatia causa prejuízos na vida do próprio indivíduo e tende a causar transtornos na sociedade (APA, 2002; Kaplan, Sadock & Grebb, 2003). Os transtornos de personalidade enquadram-se melhor na designação de anomalias do desenvolvimento psicológico e não como uma “doença” (Kaplan, Sadock & Grebb, 2003).

Em 1973, Hare refere-se à psicopatia como uma desordem da personalidade dissociativa, antissocial ou sociopática, sendo estas formas específicas do distúrbio da personalidade. Este mesmo investigador, no ano de 1991, cria um instrumento de avaliação que pretende medir a psicopatia nos sujeitos e, como resultado, cria o Inventário de Psicopatia de Hare (Hare Psychopathy Checklist). Este autor caracteriza indivíduos psicopatas como manipuladores e frios, capazes de utilizar a agressão física e psicológica para concretizarem os seus objetivos (Hare, 1991).

1.6. Objetivo do Estudo

Sendo este um tipo de violência que persiste ao longo do tempo (Kaplan & Green, 1995), propagador de insegurança pública e pessoal (Krebs et al., 2007), encontrado com cada vez mais frequência nas universidades (Whealin, 2002), este estudo tem como objetivo caracterizar uma amostra de estudantes universitárias com relatos de comportamentos sexuais agressivos, descrevendo possíveis traços de psicopatia, atitudes e crenças legitimadoras e de violência.

Pretende-se que ao caracterizar-se com mais certidão esta população, existam mais elementos que sirvam de base para um acompanhamento mais especializado tanto para as agressoras, para com as vítimas. Será, também, um dos objetivos deste estudo que, após os resultados encontrados, se possa realizar programas de prevenção mais eficazes, de forma a mitigar o número destes acontecimentos.

Capítulo II

2. Metodologia

2.1. Participantes

2.2. Procedimentos

2.3. Instrumentos de Avaliação

2.3.1. Questionário Sociodemográfico

2.3.2. Inventário de Orientação Sociossexual (SOI)

2.3.3. Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS)

2. Metodologia

2.1. Participantes

Neste estudo participaram 248 mulheres, posteriormente divididas em dois grupos (Agressoras e Não Agressoras). Constatou-se que a média de idade, para as agressoras, era de 24 anos (DP=6.51), sendo que o estado civil predominante neste grupo era o Solteiro (82.8%). Por sua vez, no grupo das mulheres não agressoras, a média de idade era de 23 anos (DP=5.26) e o estado civil predominante era, também, o solteiro (84.8%). Observou-se que a maioria das mulheres no grupo agressor praticava relações sexuais uma/três vezes por semana (40.6%), semelhante aos resultados encontrados no grupo não agressor que apresentou (36.5%). Relativamente ao consumo de drogas ambos os grupos responderam maioritariamente não consumir obtendo uma percentagem de 85.9% no grupo agressor e 85.3% no grupo não agressor (Tabela 1).

Constatou-se que na escala de comportamentos sexualmente agressivos (tabela 2), o grupo das mulheres agressoras obtiveram uma maior percentagem (no que diz respeito às respostas “Pelo Menos uma Vez”), no grupo da Coação Sexual, referente à questão “Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem dizendo coisas que no fundo não queria dizer?”.

Tabela1

Características sociodemográficas da amostra

	Mulheres Agressoras (n=60)		Mulheres Não Agressoras (n=188)	
Idade	M=24,70	DP=6,51	M=23,50	DP=5,26
Idade da Primeira Relação	M=17,05	DP=2,38	M=17,61	DP=2,04
Estado Civil				
Casado	9,4%		9,1%	
Solteiro	82,8%		84,8%	
União de Facto	7,8%		4,1%	
Divorciado			1,5%	
Separado			0,5%	
Nº de Parceiros Sexuais Atuais				
Nenhum	17,2%		23,9%	

Um	64,1%	62,9%
Dois	4,7%	9,6%
Múltiplos	14,1%	3,6%

Frequência da Atividade Sexual

Nenhuma	15,6%	18,8%
Raramente	9,4%	10,7%
Uma vez por mês	7,8%	5,6%
Duas/Três vezes por mês	23,4%	22,8%
Uma/Três vezes por semana	40,6%	36,5%
Quase sempre	3,1%	5,6%

Consumo de Drogas

Sim	14,1%	13,7%
-----	-------	-------

Não	85,9%	85,3%
-----	-------	-------

Tabela 2

Resultados SABS item por item, grupo agressor

Itens	% (n)
Coação Sexual	
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando acabar com a vossa relação?	4,7 (3)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem dizendo coisas que no fundo não queria dizer?	34,4 (22)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem pressionando-o com argumentos verbais?	29,7 (19)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem questionando a sua sexualidade (sugerindo que ele poderia ser impotente ou gay)?	17,2 (11)

Abuso Sexual

Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando a sua posição de poder ou autoridade (patroa, professora, baby-sitter, conselheira ou supervisora)?	7,8 (5)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem com 02 a 08 anos de idade e mais novo 5 ou mais anos que você?	31,3 (20)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem levando-o a embriagar-se ou drogar-se?	4,7 (3)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem tirando partido de uma situação comprometedor onde ele estava (estando ele num sítio onde não pertencia ou quebrando alguma regra)?	25 (16)

Força Física

Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando usar algum tipo de força física (puxando-o, agarrando-o, atingindo-o, etc)?	6,3 (4)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem usando algum tipo de força física?	10,9 (7)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando magoar-se a si mesma?	4,7 (3)
Quantas vezes tentou ter contacto sexual com um homem ameaçando-o com uma arma ?	3,1 (2)

2.2. Procedimentos

O presente estudo foi desenvolvido através de uma amostra recolhida online, constituída por estudantes universitárias heterossexuais. Após ter sido aprovado pelo conselho de ética da faculdade

de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, foram enviados os questionários para as diversas universidades do país.

Foi prestada informação explícita no início do questionário, onde era garantido às participantes a sua confidencialidade, a hipótese de desistir do estudo e em que é que este consistia. De modo a assegurar que não existiria enviesamento nas respostas dadas pelas participantes, não se fez a ligação do estudo com “agressão sexual” quando este era explicado no consentimento informado.

Este consentimento tinha de ser preenchido antes de prosseguirem para o questionário e eram fornecidos os contactos dos investigadores caso surgisse alguma dúvida por parte das participantes.

Após a recolha da base de dados, esta foi trabalhada a nível estatístico através do software IBM SPSS statistics 21.

2.3. Instrumentos de avaliação

2.3.1. Questionário Sociodemográfico

Foi utilizado um questionário sociodemográfico de forma a proceder ao levantamento de dados estatisticamente relevantes na amostra, com questões, de resposta rápida, ligadas às diferentes variáveis sociodemográficas (e.g. sexo; idade; estado civil). Este questionário abrangeu, brevemente, questões com o consumo de drogas.

2.3.2. Inventário de Orientação Sociossexual (SOI)

Esta escala foi originalmente criada pelos autores Simpson & Gangestad (1991), apresenta boas propriedades psicométricas, tendo uma consistência interna de $\alpha=0.83$. É constituída por 7 itens que pretendem avaliar a predisposição dos sujeitos para o sexo casual. Os seguintes itens são algumas das questões encontradas neste questionário: *“Sexo sem amor é algo que está bem”*; *“Consigo imaginar-me confortavelmente e a desfrutar de relações sexuais “casuais” com*

diferentes parceiros”. No presente estudo, esta escala apresenta uma consistência interna de $\alpha=0,74$.

2.3.3. Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos (SABS)

Originalmente denominada de Sexually Aggressive Behavior Scale e desenvolvida por Andersen (1996), esta escala de autorrelato que contempla 26 itens é utilizada, frequentemente, em amostras femininas, com a intenção de avaliar o número de contactos sexuais iniciados utilizando diferentes tipos de estratégias. É constituída por três sub-escalas e pretende medir a frequência do uso da coerção sexual, força física e abuso sexual.

As participantes deverão responder às afirmações numa escala desde “Nunca” até “Pelo Menos uma vez”.

2.3.4 Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS)

Esta é uma escala de auto relato foi construída a partir da Escala de Crenças Sobre a Violação (EVC). A Escala de Crenças sobre a Violência Sexual apresenta cinco fatores principais como o “Consentimento da Vítima”; “Provocação da Vítima”; “Representação Esteriotipada da Vítima” “Falsa Noção de Invulnerabilidade Pessoal”; “Falsas Alegações”. Tem, no total, 30 itens, que serão respondido dentro de uma escala desde Discordo Totalmente até Concordo Totalmente e possui uma elevada consistência interna ($\alpha = 0,908$) (Martins et al., 2012).

2.3.5 Youth Psychopathic Traits Inventory–Short (YPI-S)

Esta escala de likert (Van Baardewijk et al. 2010) é composta por 18 itens de auto-resposta e estas encontram-se numa escala desde “Discordo Muito” a “Concordo Muito”. É a versão reduzida da escala original Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI) (Andershed et al. 2002). Todos os seus itens provêm da escala original.

Valores elevados indicam a presença de características a serem avaliadas.

Capítulo III

3. Resultados

3.1. Sociossexualidade (*SOI*)

3.2. Traços de Psicopatia

3.3. Crenças e mitos

3.Resultados

3.1. Sociossexualidade (SOI)

Na presente escala, constatou-se que o efeito de grupo (Agressoras versus Não Agressoras) é significativo [$F(1,26) = 19.364$; $p = .000$, $\eta^2 = .05$]. Verificou-se que as mulheres agressoras tendem preferencialmente para o sexo casual e não para uma relação monogâmica ($M_{\text{Agressoras}} = 55,30$, $DP = 37.02$; $M_{\text{Não Agressoras}} = 37,43$, $DP = 22.29$) (tabela 3)

3.2. Traços da Psicopatia

Os resultados obtidos no efeito do tipo de grupo (Agressoras versus Não Agressoras) nos traços de psicopatia, revelaram existir um efeito significativo [Wilks's $\Lambda = .863$, $F(3,252) = 13,289$, $p = .000$, $\eta^2 = .137$].

Após realizarem-se comparações univariadas, observou-se que na variável Grandioso/Manipulativo existiram efeitos significativos no grupo Agressoras, tendo este obtido maiores resultados que o grupo de comparação ($M_{\text{Agressoras}} = 2.31$ $DP = .06$; $M_{\text{Não Agressoras}} = 1.90$, $DP = .03$, $p = .000$). Resultados significativos foram igualmente observados na variável Impulsivo/Irresponsável ($M_{\text{Agressoras}} = 2.40$ $DP = .07$; $M_{\text{Não Agressoras}} = 2.04$, $DP = .05$, $p = .000$).

Em contraste com os resultados anteriores, não foram encontrados valores significativos na variável Caloso/Não Afetivo ($M_{\text{Agressoras}} = 1.45$ $DP = .05$; $M_{\text{Não Agressoras}} = 1.43$, $DP = .03$, $p = .074$) (tabela 3).

3.3. Crenças e mitos

Nesta variável foi detetado um efeito significativo no grupo Agressoras quando comparadas com o grupo Não Agressoras [Wilks's $\Lambda = .952$, $F(2,240) = 2.2415$, $p = .037$, $\eta^2 = .048$]. No entanto, quando realizados os testes univariados, foi possível observar que a crença mais perto de valores significantes era o Consentimento da Vítima ($M_{\text{Agressoras}} = 2.23$ DP = .10; $M_{\text{Não Agressoras}} = 1.99$, DP = .05, $p = .051$). As Falsas Alegações encontram-se, em termos de valores, em seguimento dos resultados anteriores ($M_{\text{Agressoras}} = 2.00$ DP = .09; $M_{\text{Não Agressoras}} = 1.81$, DP = .05, $p = .078$) (tabela 3).

Tabela 3

	Mulheres Agressoras		Mulheres Não Agressoras		<i>F</i>	<i>p</i>	η_p^2
	M	DP	M	DP			
Sociossexualidade							
(SOI)	55,30	37,02	37,43	22,29		,000	
Traços de Psicopatia							
Grandiosidade/ Estilo Manipulativo	2,30	,53	1,90	,53	27,49	,000	,09
Caloso/Não Afetivo	1,45	,49	1,43	,42	,110	,740	,000
Impulsivo/ Irresponsável	2,40	,65	2,04	,53	18,663	,000	,06
Crenças							
Representação Estereotipada	1,35	,60	1,25	,43	1,88	,171	,008
Provocação da Vítima							

	1,59	,75	1,62	,68	,073	,787	,000
Consentimento da							
Vítima	2,22	,87	1,99	,78	3,85	,051	,016
Invulnerabilidade							
Pessoal	1,34	,55	1,32	,38	,068	,794	,000
Falsas Alegações	2,00	,82	1,81	,72	3,13	,078	,013

Capítulo IV

4. Discussão

4.1. Limitações do estudo

4. Discussão

Desde cedo que tem sido procurada uma caracterização para os indivíduos sexualmente agressivos de forma a ser possível caracterizá-los e determinar a razão dos seus atos (Travin et al., 1990). Estes atos têm resultados graves para as vítimas, tanto a níveis físicos como psicológicos, condicionando a sua vida a curto e longo prazo (Krebs et al., 2007). Contudo, este é um tema que teve o seu foco no sexo masculino como agressor durante demasiado tempo, quase como excluindo o sexo feminino de ser capaz de cometer atos desta dimensão, existindo o mito de que os homens não podiam ser vítimas de agressões sexuais (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1992). Não admitir a importância e relevância que a agressão sexual praticada pelas mulheres agressoras, contra homens, tem nos estudos realizados, seria propagar ainda mais as já existentes crenças de que estes atos são impossíveis de acontecer., mas estando a comunidade científica desperta para esta problemática, mais estudos são realizados através do tempo. Exemplo disso é a necessidade que Struckman-Johnson (1988), entre outros investigadores, sentiu em estudar o sexo feminino como o promotor da agressão sexual.

A presente dissertação tem como premissa continuar a explorar o interesse pelo sexo feminino enquanto agressor sexual numa amostra de estudantes universitárias com relato de comportamentos sexualmente agressivos, procurando potenciais traços de psicopatia e atitudes de violência sexual.

Os resultados no SABS obtidos no presente estudo, demonstram valores elevados na sub-escala Coação Sexual, sendo aqui onde as mulheres agressoras mais pontuam. Resultados semelhantes podem ser encontrados no estudo de Anderson (1998), em que aproximadamente 57% das mulheres agressoras pontuam nesta mesma sub-escala. Também nesse mesmo estudo é observável que estas mulheres pontuam menos na sub-escala da Força Física, semelhante aos resultados encontrados na presente dissertação. Também em 1998, numa investigação de Shea, é reportado que apenas 1.2% das mulheres utilizam a força física nas práticas sexuais agressivas.

Tende-se a verificar que as mulheres sexualmente agressoras praticam menos a violência física que os homens, no entanto, é possível verificar-se que quando as mulheres utilizam agressão

psicológica fazem-no de uma forma mais agressiva, sendo as mesmas a reportar o uso desta agressão como principal meio para alcançar os seus objetivos (Hines & Saudino, 2003). No entanto, existem outros resultados que confirmam a violência física feminina contra o género masculino, demonstrando a possibilidade destes acontecimentos (Hines & Douglas, 2010). Contudo, as mulheres agressoras são também capazes de utilizar o seu poder de persuasão através de meios verbais para a obtenção de sexo anal, oral e vaginal (Hines & Saudino, 2003). Estes resultados encontram-se atualizados com um estudo de Hines e Douglas (2016) onde metade dos homens participantes afirmaram ter sido forçados a ter relações sexuais com mulheres oral, vaginal e analmente. Foi descrito, também, nesta investigação, que os homens vítimas apresentavam diversos níveis de sofrimento consoante a gravidade da agressão sofrida.

Na tentativa de explicar alguns resultados obtidos em determinadas investigações, alguns autores afirmam que a modernização das sociedades está intrinsecamente relacionada com a visão normativa que as mulheres têm ao darem este tipo de respostas (Bonomi et al., 2014). Embora para alguns casos essa possa ser uma explicação plausível, noutros, a mesma não serve. Foi demonstrado que existem duas variáveis ligadas com o comportamento antissocial das mulheres agressoras, como a idade da primeira relação sexual (Woody, Russel, D'Souza & Woody, 2000) e o número total de parceiros sexuais ao longo da vida (Paul, McManus & Hayes, 2000). Outros investigadores concluíram que mulheres que tenham sido vítimas de agressão sexual sejam elas, mais tarde, as agressoras (Higgs, et al., 1992). Esta última teoria vai ao encontro com o que é explicado sobre a psicopatologia, sendo esta uma anomalia no desenvolvimento e não uma doença específica (Kaplan, Sadock & Grebb, 2003). Deste modo, caso a mulher não tivesse sido vítima de violência sexual, nunca teria sido ela uma agressora. Contudo, seria errado pensar que todas as mulheres sexuais agressoras foram vítimas dessa mesma agressão. Se esse fosse o caso, não existiriam outros fatores comprovados cientificamente que explicassem a razão destas mulheres perpetuarem tais ações violentas.

Através do presente estudo, pode excluir-se a hipótese que estas agressões acontecem exclusivamente (ou mesmo maioritariamente) pelo consumo de drogas, uma vez que a amostra demonstra um valor extremamente baixo neste tipo de consumo. É também verificado que pouca percentagem das agressoras utilizou o poder do álcool ou estupefacientes para obter gratificação sexual por parte das vítimas.

No estudo de Carvalho e Nobre (2016), é possível verificar-se que mulheres sexualmente

agressoras demonstram uma homossexualidade restrita em comparação com o grupo normativo, reportando um maior número de fantasias sexuais onde desempenhavam o papel de dominadoras e, até mesmo, passivas. As fantasias sexuais podem ser um factor que levam as mulheres a cometerem crimes sexuais, mesmo que estas fantasias não tenham conotações com a violência (Abel & Blanchard, 1974). Embora possam ser um factor que leve uma mulher a praticar atos sexuais agressivos, as fantasias não são, habitualmente, postas em prática (Carvalho & Nobre, 2016).

A força da coerção verbal usada pelas mulheres agressoras, vai ao encontro da descrição de Hare (1991) sobre pessoas com índices psicopatas, afirmando que estas são frias e manipulativas, sendo que a psicopatia é uma desordem da personalidade dissociativa (Hare, 1973). É constatado no presente estudo que existem resultados significativos na escala Grandioso/Manipulativo, o que sugere, efetivamente, que esta amostra de mulheres com índices de agressão sexual sugerem ter traços de psicopatia ao nível da manipulação, remetendo também para os efeitos significativos encontrados nas variáveis Impulsividade/Irresponsável.

4.1 Limites do Estudo

Independentemente deste estudo apresentar um bom número de participantes poderá afirmar-se que é, também, um número reduzido. Trata-se de um número reduzido pois este estudo foi divulgado por diversas universidades portuguesas. Embora exista uma maior facilidade de levar um estudo a um maior número de indivíduos quando é online, poderá dizer-se que esta é uma limitação, pois este método de divulgação é, hoje em dia, muito utilizado, existindo uma saturação por parte dos participantes. Foi também observado que muitas universidades decidiram não divulgar o estudo, reduzindo então as chances de se poder ter um maior número de respostas.

De modo a poder enriquecer-se o conhecimento e poder criar medidas de prevenção que abranjam facilmente as sociedades contemporâneas, este tipo de estudo enriqueceria com uma amostra de mulheres que não fossem exclusivamente heterossexuais. Seria, também, interessante replicar-se estudos semelhantes onde o feminismo fosse uma variável a ser considerada, sendo este um movimento que leva algumas mulheres a praticarem atos de violência contra homens.

Deste modo seria interessante continuarem a existir investigações no âmbito universitário (e não só)

com a finalidade de existir um conhecimento enriquecido do tema de modo a poder promover-se comportamentos sexuais normativos através de medidas de sensibilização.

Bibliografia:

Abel, G. G., & Blanchard, E. E. (1974). The role of fantasy in the treatment of sexual deviation. *Archives of General Psychiatry*, 30, 467-475.

American Psychiatric Association (APA). DSM-IV-TR – Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, ed. Porto Alegre: Artmed, 2002

Andershed, H., Kerr, M., Stattin, H., & Lavander, S. (2002). Psycopathic traits in non-referred youths: Initial test of a new assesment tool. In E.Blaauw & L. Sheridan (Eds.) *Psycopaths: Current international perspectives*, (pp. 131-158). Haag Elsevier

Anderson, P. B., & Aymami, R. (1993). Reports of female initiation of sexual contact: Male and female differences. *Archives of Sexual Behavior*, Vol. 22, No.4

Anderson, P. B. (1998). Variations in college women's self reported heterosexual aggression. *Sexual Abuse: A journal of Research and treatment*, 10, 288-292

Banning, A. (1989). Mother son incest: Confronting a prejudice. *Child Abuse and Neglect*, 13, 563-570.

Banyard, V. L., Plante, E. G., & Moynihon, M. M. (2004). Bystander education: Bringing a broader community perspective to sexual violence prevention. *Journal of Community Psychology*, 32, 61-79.

Bonomi, A. E., Nemeth, J. M., Altenburguer, L. E., Anderson, M. L., Snyder, A., & Dotto, I. (2014). Fiction or not? Fifty shades is associated with health risks in adolescent and young adult females. *Journal of Womens Health*, 23, 720-728.

Bunting, L. (2006). Females who sexually offend against children: Responses of the child protection and criminal justice systems. *Executive summary. London: NSPCC*.

Cohen, M.L., Garofalo R., Boucher, & Seghorn, T. (1971) The psychology of rapists, *Seminars in Psychiatry*, 3, 307-327

Dean M. Busby, Susan V. Compton (1997) Patterns of Sexual Coercion in Adult Heterosexual Relationships: An Exploration of Male Victimization, 36:81-94.

Denise A. Hines, Emily M. Douglas (2016) Sexual Agression Experiences Among male victims of physical partner violence: prevalence, severity, and health correlates for male victims and theirm children. *Arch Sex Behav*, 45:1133-1151

Denise A. Hines, Kimberly J. Saudino (2003) Gender Differences in Psychological, Physical, and Sexual aggression among college students using revised conflits tactics scales.

Violence and Victims, Volume 18, Number 2.

Ford, H. (2006). Women who sexually abuse children, *Chichester: Wiley*

Frieze, I. H. (2000). Violence in close relationships—*Development of a research area: Comment on Archer. Psychological Bulletin*

Grayston, A.D., & De Luca, R.V. (1991). Female Perpetrators of Child Sexual Abuse: A review of the clinical and empirical literature. *Agression and violent behaviour, 4*,93-106

Griffin, M. J., & Read, J. P. (2012). Prospective Effects of Method of Coercion in Sexual Victimization Across the First College Year. *Journal of Interpersonal Violence, 27*(12), 20503-2524

Hare, R. D. (1991) *Manual for the Hare Psychopathy Checklist*. Toronto, Canada: Multi-Health Systems

Higgs, D., Canavan, M., & Meyer, W, (1992). Moving from defense to offense: The development of an adolescent female sex offender. *Journal of Sex Research, 29*, 131-139

Joana Carvalho & Pedro J. Nobre (2016). Psychosexual Characteristics of Women Reporting Sexual Aggression Against Men. *Journal of Interpersonal Violence, 15*, 2539-2555

Kaplan, H. B.; Sadock, B. J.; Grebb, J. A. (2003) *Compêndio de psiquiatria: Ciências do comportamento e psiquiatria clínica. Porto Alegre: Artes Médicas*

Kaplan, M.S., & Green, A. (1995). Incarcerated female sexual offender: A comparison of sexual histories with eleven female nonsexual offenders. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*

Kaufman, K.L.,Wallace, A.M., Johnson, C.F., & Reeder, M.L. (1995). Comparing female and male perpetrators’ modus operandi: Victims’ reports of sexual abuse. *Journal of Interpersonal Violence.*

Laroche, D. (2005). Aspects of the context and consequences of domestic violence—Situational couple violence and intimate terrorism in Canada in 1999.

Martins, S., Machado, C., Abrunhosa, R., & Manita, C. (2012). Escala de Crenças sobre Violência Sexual (ECVS). *Análise Psicológica, 30*(1-2), 1-12.

Nathan, P., & Ward, T. (2001). Females who sexually abuse children: Assessment and treatment issues. *Psychiatry, Psychology and Law.*

Ottens, A. I., & Black, L. L. (2000). Crisis intervention at college counseling centers. In A. R. Roberts (Ed.), *Crisis intervention handbook:Assessment, treatment and research.*

Paul, E.L., McManus, B., & Hayes, A. (2000), “Hookups”: Characteristics and correlates of college students' spontaneous and anonymous sexual experiences. *Journal of Sex Research, 37*,

76-88.

Sarrel, P. M., & Masters, W. H. (1982). *Sexual molestation of men by women*. *Archives of Sexual Behavior*.

Shea, M. C. (1998). When the tables are turned: Verbal sexual coercion among college women. IN P.B. Anderson & C. Struckman-Johnson (Eds.), *Sexually aggressive women* (pp. 96-104). New York: Guildford Press

Sigal, J., Gibbs, M. S., Goodrich, C., Rashib, T., Anjum, A., Hsu, D., Perrino, C. S., Boratav, H. B., Arenas, A. C., Baarsen, B., Plight, J., & Pan, W. (2005). Cross-cultural reactions to academic sexual harassment: Effects of individualistic vs. collectivist culture and gender of participants. *Sex Roles*, 52(3/4), 201-215.

Simpson, J. A., & Gangestad, S. W. (1991). Individual differences in sociosexuality: Evidence for convergent and discriminant validity. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60, 870-883.

Smith, R. E., Pine, C. J. and Hawley, M. E., (1988) *Social cognitions about adult male victims of female sexual assault*

Struckman-Johnson, C., (1988) *Forced sex on dates: It happens to men, too*

Struckman-Johnson, C. (1991). Male victims of acquaintance rape. In A. Parrot & L. Bechhofer (Eds.), *Acquaintance rape: The hidden crime* (pp. 192-214). New York, NY: John Wiley

Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (1991). *Acceptance of male rape myths among college men and women*. *Sex Roles*, 27, 93 - 114

Travin, S., Cullen, K., & Protter, B. (1990). *Female sex offenders: Severe victims and victimizers*. *Journal of Forensic Sciences*

Van Baardewijk, Y., Andershed, H., Stegge, H., Nilsson, K., Scholte, E., & Vermeiren, R. (2010). Development and tests of short versions of the Youth Psychopathic Traits Inventory and the Youth Psychopathic Inventory-Child Version. *European Journal of Psychological assessment*, 26(2), 122-128.

Waldner, L. K., Vaden-Goad, L., & Sikka, A. (1999). *Sexual coercion in India: An exploratory analysis using demographic variables*

Whealin, J. M. (2002). *Men and sexual trauma*. National Center for PTSD Fact Sheet. Retrieved November 23, 2002, from http://www.ncptsd.org/facts/specific/fs-male_sexual_assault.html

Woody, J.D., Russel, R., D'Souza, H.J., & Woody, J.K. (2000). Adolescent non-coital sexual activity: Comparisons of virgins and non-virgins. *Journal of sex Education and therapy*, 25, 261-268

Anexos

Anexo I – Consentimento Informado

- Consentimento Informado -

Este estudo é dirigido a estudantes universitários de todos os ciclos de estudo e tem por objectivo compreender

de que forma homens e mulheres procuram, do ponto de vista sexual, interagir com o sexo oposto, bem como os

factores de ordem psicológica associados a esta interacção. Solicitamos a participação, voluntária, de estudantes

universitários (homens e mulheres) com idade mínima de 18 anos e orientação heterossexual. Para participar

deverá preencher os questionários disponibilizados on-line; o preenchimento tem a duração de cerca de 15

minutos. As suas respostas são anónimas e confidenciais; os dados serão utilizados para fins de investigação

científica, incluindo uma dissertação de Mestrado em Psicologia. Os questionários incluem algumas questões

íntimas do foro sexual, bem como questões sobre a sua maneira de ser no dia-a-dia. Pode desistir do estudo em

qualquer momento e sem qualquer prejuízo.

Para qualquer questão contacte rodolforobaloferreira@gmail.com (Rodolfo Ferreira) ou milabenz@gmail.com (Emilia Benzinho).

Muito obrigada pela sua colaboração,

Joana Carvalho, PhD (investigadora responsável ULHT/SexLab)

Rodolfo Ferreira (mestrando Psicologia ULHT)

Anexo II – Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

Idade:.... **Sexo:** masculino..... feminino:.....

Estado Civil:

1 Casado..... **2** Solteiro..... **3** União de Facto.... **4** Divorciado..... **5** Separado

6 Viúvo.....

Habilitações Literárias:

Aluno de Licenciatura...

Aluno de Mestrado

Aluno de Doutoramento...

Outro

Problemas psiquiátricos (anteriores ou atuais):

Já foi diagnosticado com algum problema psiquiátrico/psicológico? Sim....Não....

Se sim, qual?.....

Orientação Sexual:

1 Heterossexual **2** Homossexual **3** Bissexual

Número de parceiros sexuais atuais:

1 Nenhum 2 Um parceiro sexual..... 3 Dois parceiros sexuais.....
4 Múltiplos parceiros sexuais.....

Frequência de atividade sexual (qualquer prática sexual):

1 Nenhuma..... 2 Raramente..... 3 1 vez por mês..... 4 2/3 vezes por mês.....
5 1/3 vezes por semana..... 6 Quase sempre.....

Idade da primeira relação sexual:

Alguma vez foi vítima de abuso sexual?

1 Sim 2 Não.....

Consome Drogas (exceto tabaco e álcool)?

1 Sim..... 2 Não.....

Se sim, 1 Todas as semanas 2 1/3 vezes por mês 3 1/3 vezes por ano.....

Que drogas consome
